

Prevalência de colonização por estafilococos coagulase negativa em Unidade de Terapia Intensiva, segundo dados da literatura.

Ludimila Cristina Souza Silva¹, Cleiciane Vieira de Lima Barros¹, David Antônio Costa Barros², Marinésia Aparecida Prado Palos³.

¹Docentes da Faculdade Alfredo Nasser; ²Diretor do Instituto de Ciências da Saúde da Faculdade Alfredo Nasser; ³Docente adjunta da Faculdade de Enfermagem – UFG. Email: enfermeiraludimilacristina@bol.com.br.

Introdução: Segundo Amante, Rosseto e Schneider (2009) a UTI é destinada ao cuidado de pacientes em estado crítico, consistindo de uma infra-estrutura própria, contendo recursos materiais e humanos especializados para garantir uma prática contínua e, nesse cenário o enfermeiro é o líder da equipe de enfermagem que visa o restabelecimento das funções vitais do corpo, através de uma assistência de saúde. Portanto para que os profissionais de saúde possam otimizar o atendimento é preciso controlar a ocorrência de infecção relacionada a assistência a saúde (IRAS) (PRADO *et al.*2005).As IRAS estão freqüentemente relacionadas aos estafilococos coagulase negativa (ECN), e os profissionais de saúde podem ser reservatório e disseminadores desses microrganismos nos hospitais e comunidade (ROSA *et al.*2009).Prado (2009) evidencia que são encontradas várias espécies de ECN isolados na saliva de enfermeiros saudáveis, e que pouco se investe em estudos direcionados a identificação das espécies predominantes, desconhecendo o perfil de resistência desses microrganismos. A discussão diante da responsabilidade da equipe de enfermagem sobre as IRAS, surgiu a partir da necessidade de despertar a atenção dos profissionais para a presença de micro-organismos em especial os estafilococos coagulase, de impacto para as infecções, nos serviços de atenção a saúde. Portanto o objetivo deste estudo é analisar a prevalência de profissionais da equipe de enfermagem e usuários de Unidade de Terapia Intensiva colonizados por estafilococos coagulase negativa, segundo dados da literatura.**Materiais e métodos:** Trata-se de um estudo do tipo bibliográfico, descritivo-exploratório e retrospectivo, com análise qualitativa de 18 artigos disponíveis em bibliotecas virtuais. **Resultados e Discussão:** Os autores corroboram que as IRAS em unidade de terapia intensiva está associada aos cuidados de enfermagem por serem esses profissionais os que mantém contato direto e em tempo integral ao paciente, evidenciando a necessidade de otimizar os serviços de saúde. Para o controle das IRAS, é preciso conscientizar os

profissionais de saúde para essa realidade, despertando neles a necessidade de adotarem as medidas de precaução-padrão, durante o cuidado ao paciente, minimizando assim os riscos a saúde de colonização por agentes virulentos para o paciente e profissional (CARMO apud CUNHA e ZÖLLNER, 2002). Portanto pode-se afirmar que a enfermagem contribui para a disseminação de microrganismos de forma significativa, e esse fator interfere na qualidade da assistência, pois controle e tratamento de infecção nosocomial é atualmente um desafio dentro dos hospitais, principalmente dentro das Unidades de Terapia Intensiva. Dentre os principais micro-organismos encontrados na saliva dos profissionais podemos destacar os estafilococos coagulase negativa que estão frequentemente associados às infecções nosocomiais e os enfermeiros encontram-se como reservatório e principais responsáveis por disseminar esses patógenos no hospital e comunidade (ROSA, et al., 2009). Esses patógenos estão associados às infecções da corrente sanguínea e resistência aos antimicrobianos e mupirocina tem reforçado sua importância (NASCIMENTO et al., 2006). Prado *et al.* 2010, realizou um estudo e detectou que 4 (5,6%) dos profissionais de UTI eram portadores MR. Onde: 3 (4,2%) eram técnicos em enfermagem; 1 (1,4%) era enfermeiro. Tal problema se agrava, considerando o contexto da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), ambiente insalubre, que admite clientes debilitados e imunocomprometidos, vulneráveis à exposição aos micro-organismos virulentos e quase sempre resistentes aos antimicrobianos.

Conclusão: As evidências na literatura não deixam dúvidas sobre o risco prevalente de infecção entre profissionais de enfermagem e usuários de unidade de terapia intensiva caracterizado pelo cuidado e exposição ocupacional, aos micro-organismos de impacto para as infecções e de maneira singular os estafilococos coagulase negativa.

PALAVRAS-CHAVE: infecção, colonização e multirresistência

Referências

AMANTE, N.L.; ROSSETO, A.P.; SCHENEIDER, D.G. Sistematização da assistência de enfermagem em UTI sustentada pela Teoria de Wanda Horta. Rev. Esc. Enf. USP, v.1, n.43, p.54-64, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 1996.

CUNHA,A.C.A.;ZÖLLNER,M.S. Presença de microrganismos dos gêneros Staphylococcus e Candida aderidos a máscaras faciais utilizadas em atendimento odontológico. Rev. Biocênc. Taubaté, v.8, n.1, p.95-101, 2002.

NASCIMENTO, J.S. et al. Bacteriocins as alternative agents for controlo multiresistant staphylococcal strains. Journal compilation,v.42, p.215-221, 2006.

PRADO, M.A. et al. Avaliação de serviços de apoio na perspectiva do controle de infecção hospitalar. Rev. Eletron. Enf.; Goiânia, v.10, n.3, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>>. Acesso em: 10 set. 2010.

PRADO, M.A. Staphylococcus aureus e Staphylococcus aureus meticilina resistente (MRSA) em profissionais de saúde e as interfaces com as infecções nosocomiais. Rev. Eletron. De Enfermagem, v.9, n.3, p.880-879, 2007.

RATTI,R.P.;SOUSA,C.P. Staphylococcus aureus meticilina resistente (MRSA) e infecções nosocomiais. Rev. De Ciênc. Farmacêutica Básica e Aplicada, v.2, n.30, p.9-16, 2009.

ROSA,O.J. et al. Detecção do gene mecA em estafilococos coagulase negativa resistentes á oxacilina isolados da saliva de profissionais da enfermagem. Rev. Soc. Bras. De Med. Tropical, v.4, n.42, p.398-403,2009.